
EDUCAR PARA A CULTURA

DO ENCONTRO:

UMA PERSPECTIVA

TEOLÓGICO-PASTORAL*

DOI 10.18224/frag.v32i3.13140

TIAGO DE FRAGA GOMES**

Resumo: a presente pesquisa visa refletir, a partir de uma perspectiva teológico-pastoral, sobre alguns aspectos relevantes imbricados no itinerário educativo no que tange à necessidade de cultivar uma cultura do encontro. O teologizar parte do encontro com o Deus que se revela, e a ação pastoral cultiva o encontro humano-divino em vista da vida em comunidade. O centro e o destinatário de toda a atividade teológica e pastoral é sempre o ser humano em sua integralidade, com seus sonhos e expectativas. Um dos grandes desafios teológico-pastorais consiste em fazer cada pessoa encontrar-se consigo mesma, com os outros e com Deus, a fim de desenvolver-se como um ser de relações, com um profundo senso de alteridade e solidariedade. Tendo em vista isso, este estudo trabalhará alguns aspectos teológico-pastorais do fazer educativo, para em seguida, abordar a dinâmica educativa como uma atividade integradora e humanizadora, para, por fim, lançar indicativos de como educar para a cultura do encontro.

Palavras-chave: Cultura do encontro. Educação integral. Perspectiva teológico-pastoral.

O contexto atual, com suas complexidades e paradoxos, levanta questionamentos sobre os processos educativos empreendidos em âmbito escolar e universitário, trazendo à tona a seguinte questão: diante de uma sociedade extremamente individualista e competitiva, e de um estilo de vida, vivenciado pelas pessoas em geral, cada vez mais acelerado, qual a relevância de um olhar teológico-pastoral para a construção de um ensino integral e qualificado que fomente a cultura do encontro? Na busca para responder essa questão, constata-se que um dos *mínus* constitutivos da ação pastoral em âmbito eclesial, muito refletido e praticado pela teologia, diz respeito, justamente, ao *mínus* de ensinar.

* Recebido em: 20.12.2022. Aprovado em: 29.12.2022.

** Pós-Doutor em Teologia Sistemático-Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) com estágio pela Ruhr-Universität Bochum (RUB-Alemanha). Professor e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). *E-mail:* tiago.gomes@puers.br.

A dimensão magisterial é própria e inalienável do fazer teológico-pastoral, o qual tem implícito, em sua radicalidade, a dinâmica do encontro: o teologizar parte do encontro com o Deus que se revela, e a ação pastoral busca cultivar o encontro humano-divino, a fim de formar comunidade. O centro e destinatário de toda a atividade teológica e pastoral é sempre o ser humano em sua integralidade: um ser de sonhos e expectativas. Por isso, educar é um elemento próprio de quem reflete e tira as consequências práticas do encontro com o Mistério divino na vida das pessoas e da sociedade.

Do ponto de vista teológico-pastoral, educar diz respeito a fazer crescer e a tornar possível o amadurecimento da pessoa humana, a fim de torná-la plena e contemplada em sua vocação fundamental enquanto ser integrado, no intuito de conduzir cada pessoa à sua vocação definitiva: a vida em plenitude. Nesse tempo intermediário, entre o “já e o ainda não”, em meio aos revezes da história, entre esperanças e incertezas, a fé cristã inspira e ilumina o fazer educativo, dando-lhe um sentido escatológico, para que a esperança guie os passos de cada pessoa em sua jornada neste mundo, com os pés firmes no chão da existência, mas com os olhos fixos em um horizonte sempre mais amplo.

O itinerário educativo envolve encontros e desencontros. Nesse sentido, um dos grandes desafios teológico-pastorais consiste em fazer cada pessoa encontrar-se consigo mesma, com os outros e com Deus, a fim de desenvolver-se como um ser de relações, com um profundo senso de alteridade e solidariedade. Tendo em vista isso, a presente pesquisa pretende tratar de alguns aspectos teológico-pastorais do fazer educativo, para em seguida, abordar a dinâmica educativa como uma atividade integradora e humanizadora, para, por fim, lançar alguns indicativos de como educar para a cultura do encontro.

ASPECTOS TEOLÓGICO-PASTORAIS DA EDUCAÇÃO

Com a emergência de novos contextos educativos e em atenção aos sinais dos tempos, é preciso buscar uma atualização da prática educativa iluminada pelos referenciais perenes e sempre novos que emergem da fé cristã, e que reverberam nas novas ambiências sociais. Como afirma São Paulo, mais do que se conformar ao mundo, é preciso buscar a transformação dos sujeitos pela renovação de suas concepções (Rm 12,2). O zelo por uma educação cristã em meio a um contexto altamente comunicativo e plural, requer um empenho consistente por parte da inteligência da fé, a fim de proporcionar, em diálogo com a cultura atual, uma formação qualificada dos educadores, fazendo ver a relevância dos valores cristãos nos âmbitos da educação, da ciência e da cultura.

A teologia cristã traz importantes contribuições para pensar a vocação do ser humano e suas relações fundamentais. À luz da teologia trinitária e da antropologia teológica, se compreende o processo educativo “como uma educação para a comunhão, pois todos os seres humanos são por natureza seres-de-comunhão” (CNBB, 2016, n. 39), ou seja, são ontologicamente constituídos como seres que se entendem no encontro. A própria teologia da Revelação aprofunda aspectos importantes da *pedagogia divina* que são muito pertinentes para o tema da presente pesquisa: Deus se revela ao ser humano em uma comunicação gradual e progressiva de conhecimento, a partir da concretude histórica e existencial, preparada em etapas e marcada por eventos e pactos significativos, de acordo com a capacidade perceptiva e interpretativa de seus interlocutores.

Diante das fragilidades humanas, a pedagogia divina indica a atitude da paciência e investe no potencial de mudança, fazendo ver o melhor que as pessoas podem dar de si, desde que auxiliadas e conduzidas por um itinerário de amadurecimento e de conversão. Seguindo esse viés, o processo educativo visa à transformação da pessoa. Ouvir e descer à condição do outro – alteridade e empatia – a

fim de libertar e conduzir à uma vida melhor (Ex 3,7-8), alimenta uma *pedagogia de amor e de empenho*, que ensina por gestos e palavras – coerência –, através da convivência – testemunho – e do diálogo que oportunizam uma interlocução com diferentes pontos de vista – pensamento crítico –, buscando a verdade que liberta (Jo 8,32).

A pedagogia divina inspira a formar protagonistas, onde o educador conduz o educando para que este possa fazer o que seu mestre faz e até mais (Jo 14,12), não no sentido de uma superação competitiva, mas como um dom que quando partilhado, se enriquece e se amplia; ou seja, educar para edificar sujeitos integrais e integrados, fazendo emergir o melhor de cada pessoa. Para que isso aconteça, é preciso planejar processos, articular esforços e propor caminhos. Uma grande contribuição, nesse sentido, se dá pelo fomento de uma pastoral da educação que tenha como objetivo “promover, articular e organizar ações evangelizadoras no mundo da educação – compreendido como pessoas, famílias, instituições e ambientes relacionados à educação – com a finalidade de ser sinal do Reino de Deus e de ajudar a construir um ser humano fraterno, livre, justo” (CNBB, 2016, n. 7).

Pensar o processo educativo na perspectiva teológico-pastoral faz refletir sobre o papel do educador como pessoa comprometida com os valores éticos, aberta ao diálogo com o diferente, disposta à elaboração de um projeto de vida moldado por uma espiritualidade, elementos que conduzem o ato de educar como uma ação pastoral que visa desenvolver a pessoa humana em todas as suas dimensões constitutivas. Nesse sentido, é preciso que haja uma formação inicial e permanente que propicie “o aprofundamento de uma espiritualidade própria do educador” (CNBB, 2016, n. 57), a fim de aliar competência profissional e dedicação em prol da edificação integral da pessoa humana.

Ao invés de adotar uma atitude reativa de fechamento defensivo à ideologia veiculada pela sociedade secular hodierna – que alimenta e legitima a competitividade mercadológica, a lógica do lucro, a utilidade técnica e a eficiência –, é preciso reafirmar os valores mais profundos defendidos pela educação: “o primado da pessoa, o valor da comunidade, a busca do bem comum, o cuidado da fragilidade e a preocupação pelos últimos, a cooperação e a solidariedade” (CNBB, 2016, n. 59); valores que edificam um humano integral e autêntico. Educar não consiste apenas na transmissão de informações ou no treinamento para a aquisição de habilidades e competências específicas, mas diz respeito à formação integral da pessoa, para que esta seja sujeito de sua própria jornada pessoal e profissional. A respeito disso, afirma o Concílio Vaticano II:

Todos os homens, de qualquer estirpe, condição e idade, visto gozarem da dignidade de pessoa, têm direito inalienável a uma educação correspondente ao próprio fim, acomodada à própria índole, sexo, cultura e tradições pátrias, e, ao mesmo tempo, aberta ao consórcio fraterno com os outros povos para favorecer a verdadeira unidade e paz na terra. A verdadeira educação, porém, pretende a formação da pessoa humana em ordem ao seu fim último e, ao mesmo tempo, ao bem das sociedades. [...] Por isso, é necessário que, tendo em conta os progressos da psicologia, pedagogia e didática, as crianças e os adolescentes sejam ajudados em ordem ao desenvolvimento harmônico das qualidades físicas, morais e intelectuais, e à aquisição gradual dum sentido mais perfeito da responsabilidade. [...] As crianças e os adolescentes têm direito de serem estimulados a estimar retamente os valores morais e a abraçá-los pessoalmente, bem como a conhecer e a amar Deus mais perfeitamente (GE 1).

Na perspectiva cristã, educar significa conduzir à totalidade da verdade em toda sua integralidade. Sendo assim, a maior crise da educação cristã contemporânea consiste na imanentização crescente do horizonte de expectativa das crianças e jovens pelo fechamento à transcendência.

Contudo, é preciso lembrar que “a busca pela verdade pressupõe coragem profética de assumir os questionamentos de nossa época, aos quais não se pode omitir nem interditar” (CNBB, 2016, n. 79). Nesse sentido, é cabe fomentar um sentido de transcendência que forme sujeitos não apenas para o mercado de trabalho, mas, sobretudo, para a vida.

O grande desafio é educar para a vida. Sendo assim, é preciso educar para a vida em comunidade e para um senso de fraternidade, superando o relativismo, o subjetivismo, o consumismo e o hedonismo, com o intuito de fomentar a criticidade, a consciência ética e ecológica, a alteridade dialógica e a empatia em vista do desenvolvimento de um senso de solidariedade e cidadania. Tendo em vista isso, o processo educativo estende-se desde a família, passando pela escola/universidade, até os meios de comunicação e instituições sociais ligadas à educação, pois é no arco do contexto vital de cada sujeito que a educação acontece. Considerando as profundas mudanças da época atual, e os meios e as técnicas que estabelecem conexões, não há como pensar o processo educativo como uma instância que fica isolada ou restrita ao ambiente escolar ou universitário.

É necessário promover percursos de encontro. Para tanto, é preciso gestar e estruturar itinerário de formação participativa e solidária. O modo de fazer – não só o conteúdo – é determinante para fomentar a cultura do encontro. Para que se possa ver “na juventude a constante renovação da vida da humanidade” (PCAL, 2014, n. 2), enquanto vocacionada a renovar o mundo à luz do plano de Deus, antes de tudo, é fundamental que se acolha os jovens com amor misericordioso, sem exclusões ou discriminações, escutando-os em suas aspirações e necessidades existenciais mais profundas, antes de pretender dar respostas a perguntas que não são feitas. Considerando os elementos mencionados, cabe agora frisar alguns aspectos teológico-pastorais que podem contribuir com o processo educativo:

- a) *Educar para viver e transformar a história:* a pedagogia divina ensina a conduzir os processos educativos considerando a mediação dos acontecimentos históricos. Deus se faz peregrino, participa nos acontecimentos da humanidade; em Cristo, assume o dinamismo da história e ensina a atuar na história, acompanhando as pessoas em suas diferentes etapas, respeitando seu amadurecimento lento e progressivo, em vista de um ideal a ser buscado (RAMOS GUERREIRA, 1995, p. 109-111);
- b) *Abertura aos sinais dos tempos:* pensar um processo educativo em *aggiornamento*, em constante renovação; “é sumamente importante estarmos atentos aos sinais dos tempos, através dos quais o Espírito nos interpela” (CNBB, 2016, n. 80); educar espreitando o que anda acontecendo na atualidade; conhecer o mundo onde se vive, com suas esperanças e aspirações; ler e interpretar a realidade a fim de discernir seu sentido e significado profundo para a vida do ser humano atual; conhece a situação para ir além do aspecto fenomenológico, com postura crítica em relação às ideias e ações comuns empreendidas (RAMOS GUERREIRA, 1995, p. 111-113);
- c) *Educar para a cultura do diálogo:* para que as pessoas saiam de uma dinâmica apologética ou de conquista, e assumam uma postura de diálogo – não significa concordar com tudo o que o outro diz ou faz, consiste em respeitar, acolher e compartilhar a verdade, onde quer que ela se manifeste –; para que se dialogue na gratuidade, sem imposições ou fanatismos; o verdadeiro conhecimento proporciona liberdade e produz comunhão (RAMOS GUERREIRA, 1995, p. 115-117);
- d) *Valorizar as identidades e os dons específicos e promover a diversidade:* cada um é edificado na medida em que aprende a viver e conviver em comunidade; importa educar para a cultura do encontro, entre diferenças que se enriquecem e tornam o todo não uma uniformidade, mas uma pluralidade de identidades que se orientam para a comunhão (RAMOS GUERREIRA, 1995, p. 119-121).

Educar para a cultura do encontro a partir de referenciais teológico-pastorais requer uma atuação no chão firme da história, sem deixar de lado a utopia e a capacidade de sonhar com as

mudanças e transformações possíveis; significa abertura e atenção ao que acontece na atualidade, buscando renovação; refere-se ao cultivo do diálogo e à valorização das diferenças, a fim de construir uma comunhão na diversidade. Tudo isso leva ao próximo passo: educar para integrar e humanizar.

A EDUCAÇÃO COMO UMA ATIVIDADE INTEGRADORA E HUMANIZADORA

Educar é a arte de trazer o melhor de cada um, não para sermos melhor que os outros, mas para sermos o melhor que podemos ser para tornar o mundo melhor. “A educação é a arte do crescimento e do cultivo humano: atentar contra a educação é desumanizar; promover a educação é contribuir para uma vida mais humana” (CNBB, 2016, n. 38). Para que isso de fato aconteça, “a educação precisa ver a pessoa humana como um todo, promover a sua dignidade e os seus direitos e contribuir para que todos tenham vida em plenitude” (CNBB, 2016, n. 50).

Contudo, é preciso ter presente que em uma sociedade plural, a educação é impactada pelo desafio do diálogo. A promoção de uma cultura do encontro que promova o diálogo, o respeito mútuo e a colaboração entre as pessoas, exige uma sólida compreensão da própria identidade por parte dos sujeitos, articulada à “capacidade de abrir-se a uma verdadeira e profunda relação de alteridade” (CNBB, 2016, n. 51). Do ponto de vista da fé cristã, “os ambientes educacionais são ambientes de vida nos quais se expressa uma educação integral em vista de uma comunhão que tem como fonte, modelo e meta o amor trinitário” (CNBB, 2016, n. 53), arquétipo de vida comunitária que integra identidades na diferença.

Elemento importante para uma educação integradora e humanizadora são os ambientes educativos, os quais “se configuram como um serviço à formação humana por meio da educação integral, que considera todos os aspectos do seu ser em seu processo de desenvolvimento” (CNBB, 2016, n. 54). O ambiente é fundamental por influenciar intensamente o estilo de educação a ser estruturado e empreendido. Nesse sentido, é necessário que os educadores cristãos levem em consideração a “complexidade que caracteriza o mundo em mutação” (CNBB, 2016, n. 81), inserindo-se com coragem nos novos areópagos culturais instituídos pelas culturas hodiernas.

As escolas e universidades, sobretudo, as confessionais, são “chamadas a ser instituições onde se ensaiem novas formas de relação, novos caminhos de fraternidade, um novo respeito ao inédito de cada ser humano, uma maior abertura e sinceridade, um ambiente laboral marcado pela colaboração, pela justiça e pela valorização de cada um” (BERGOGLIO, 2015, p. 22). É preciso ousar, sair do conformismo e das estruturas que acomodam, a fim de interagir com as novas realidades que requerem uma interlocução criativa e inovadora. Para isso, é importante que os educadores “cultivem sua personalidade e não se entreguem à tentação de fracionar a verdade” (BERGOGLIO, 2015, p. 23-24).

Nesse sentido, Brakemeier assevera que é preciso ter presente que o conhecimento humano “não é tão seguro quanto reivindica. É parcial, capta apenas perspectivas e é cego para determinadas realidades” (2006, p. 30). E mesmo na ciência, segundo Küng, “nenhum método, por mais seguro que seja, nenhum projeto, por mais adequado, nenhuma teoria, por mais que seja exata, podem ser absolutizados” (2011, p. 79). Além disso, é preciso superar algumas dicotomias entre as diferentes áreas e dimensões do conhecimento humano. A propósito da relação entre fé e ciência, por exemplo, Zilles afirma que “ninguém, a rigor, crê ou deixa de crer em Deus por causa da ciência. De maneira análoga, ninguém deixa de ser cientista por causa da fé ou descrença” (2004, p. 153). É o mesmo ser humano que crê e conhece, e vice-versa. Faz-se necessário superar a compartimentação das “caixinhas” do conhecimento, como se fossem elementos estanques, que não se tocam.

A inter/transdisciplinaridade é necessária, tanto em relação às áreas do conhecimento, quanto no que se refere a aspectos relacionados à experiência cotidiana e às crenças que as pessoas nutrem. Através do processo educativo, se faz necessário oportunizar que o ser humano atual busque humildemente um conhecimento integral e integrado de si e da realidade que o circunda e envolve, e o aperfeiçoamento de sua natureza (GOMES, 2019, p. 67), sem que se erija, prepotentemente, como detentor da totalidade do conhecimento. Nesse quesito, Moltmann alerta que cada vez mais a ciência amplia suas possibilidades, mas que “nem todo saber serve à vida, nem todo conhecimento nos torna sábios” (2007, p. 44). Sendo assim, é preciso discernir e trabalhar em favor da vida, tendo em vista que o domínio humano unilateral e instrumental sobre a natureza e a vida como um todo, sem senso crítico em relação às consequências de suas intervenções, pode acarretar em desastres (GOMES, 2017, p. 123-124). “O caminho mais eficaz para contrastar a mentalidade de prepotência e as desigualdades, bem como as divisões sociais, é investir no campo de uma educação, que ensine os jovens a pensar criticamente e ofereça um caminho de amadurecimento nos valores (EG 64).

Considerando isso, é preciso pensar na escola e na universidade como espaços de cultivo da sabedoria, “como uma espécie de laboratório existencial, ético e social, onde as crianças e jovens possam experimentar as coisas que lhes permitem desenvolver-se em plenitude e construam as capacidades necessárias para levar avante seus projetos de vida” (BERGOGLIO, 2015, p. 49). Educar é comprometer-se a trabalhar numa das formas mais importantes de promoção da pessoa humana e da sua dignidade. Sendo assim, o trabalho dos educadores pode ser considerado, com grande mérito, como uma espécie de “vanguarda humanizadora” (BERGOGLIO, 2015, p. 155).

O Papa Francisco reforça a necessidade de humanizar a educação diante de um contexto cheio de desafios. É preciso uma educação que fomente uma cultura do diálogo e considere seriamente que o mundo atual se tornou, de fato, uma aldeia global, com múltiplos processos de interação, onde cada pessoa compartilha uma pluralidade de experiências (FRANCISCO, 2017, n. 2), nem sempre edificantes. Nesse sentido, torna-se urgente formar as novas gerações para um relacionamento sincero e autêntico, motivando a criar pontes, ao invés de muros, e a buscar respostas novas aos novos desafios do tempo presente.

Para que isso aconteça, “as escolas e as universidades são chamadas a ensinar um método de diálogo intelectual finalizado à busca da verdade” (FRANCISCO, 2017, n. 4), que proporcione avançar em uma compreensão conjunta da verdade, que não almeje simplesmente por respostas fáceis e superficiais, mas que incentive a sair da fugacidade e da superficialidade com que as coisas são muitas vezes tratadas nas redes sociais, e ir à radicalidade da realidade, sem radicalismos ou fundamentalismos. O processo educativo enquanto “itinerário pedagógico para o protagonismo humano” (CNBB, 2016, n. 84), precisa fazer amadurecer e proporcionar uma postura de ousadia diante das questões que emergem do chão da realidade.

Na visão do Papa Francisco, é preciso mudar a educação para que seja possível mudar o mundo (2015; 2018), pois “toda mudança tem a necessidade de motivações e de um caminho educativo” (LS 15). O Papa Francisco sonha e pensa a educação como caminho para superar as dores do mundo e edificar pontes de forma perene e significativa. Por ocasião do relançamento do *Pacto Educativo*, defende que sob o ponto de vista cristão

educar é sempre um ato de esperança que convida à coparticipação transformando a lógica estéril e paralisadora da indiferença numa lógica diferente, capaz de acolher a nossa pertença comum [...]. Pensamos que a educação seja um dos caminhos mais eficazes para humanizar o mundo e a história. A educação é sobretudo uma questão de amor e responsabilidade que se transmite, ao longo do

tempo, de geração em geração. Por conseguinte, a educação apresenta-se como o antídoto natural à cultura individualista, que às vezes degenera num verdadeiro culto do “ego” e no primado da indiferença. O nosso futuro não pode ser a divisão, o empobrecimento das faculdades de pensamento e imaginação, de escuta, diálogo e compreensão mútua (FRANCISCO, 2020).

Diante das crises, dúvidas e incertezas, cabe uma ética da esperança, que não perca o sentido da fragilidade inerente à condição humana, mas que esteja profundamente ciente das múltiplas possibilidades que uma humanidade motivada é capaz de alcançar. Se faz necessária uma ética da esperança que guie o processo educativo na redescoberta do sentido existencial que se fortalece no encontro entre diferentes olhares e percepções da vida. A esperança impede que se cruze os braços, nutre expectativas e desperta a atenção de todos os sentidos para que se aproveite as oportunidades que a vida fornece. Uma ética do temor só enxerga crises, e pode gerar desânimo e/ou alarmismo. É graças à esperança que se alimenta e se mantém ativo no coração e na mente um *senso de possibilidade* (MOLTMANN, 2012, p. 15-18).

Educar é acreditar na capacidade de mudança e transformação do humano e do mundo. Quem educa, nutre esperança. Um fator fundamental no cultivo da esperança entre educadores é a partilha, o dar-se conta de que não se está só. Nesse sentido, é preciso trilhar um caminho conjunto, fomentar uma perspectiva sinodal do conhecimento, apostar em uma cultura do encontro entre educadores e educandos, ou seja, de todos que se colocam nas trilhas do cultivo do conhecimento que integra e humaniza os caminhantes desta jornada. É necessário educar para uma cultura do encontro.

EDUCAR PARA UMA CULTURA DO ENCONTRO

Não há processo educativo sem verdadeiro encontro, pois é no encontro que a pessoa se compreende como sujeito, adquire habilidades e competências, desenvolve potencialidades. O encontro, enquanto fenômeno concreto e complexo, conduz a um modo de experiência mais aprimorado. López Quintás entende que aquilo que o ser humano tem de mais essencial é a sua abertura autorrevelante (1975, p. 139). *O ser humano enquanto ser de encontro* se descobre e conhece na medida em que se deixa desafiar pela atitude de saída de si para ir ao encontro do outro e do mundo, prescindindo do solipsismo e assumindo uma postura dialógica e relacional. No fundo, *educar para o encontro é educar para a humanização*.

O encontro torna possível que a verdade de cada um se torne inteligível. Sendo assim, a exigência fundamental do encontro, segundo López Quintás, é o “respeito pelas condições próprias dos que nele desempenham um papel” (1998, p. 217), pois no encontro revelam-se as identidades e as diferenças, e a depender das posturas imbricadas, criam-se ou não vínculos de colaboração e comunhão. Contudo, López Quintás alerta que “todo autêntico conhecimento é dialógico, não monológico coercitivo” (1977, p. 68-69), indicando que a verdade do processo educativo ocorre à medida da abertura mútua entre aqueles que se encontram. Educar para uma cultura do encontro significa desafiar o ser humano ao exercício da maturação generosa.

O ser humano somente pode sentir-se em paz consigo mesmo ao aceitar o desafio que o seu próprio desenvolvimento implica, e quando cumpre as exigências do encontro. Essa forma de paz é atingida quando a pessoa sente a inquietação de realizar-se plenamente mediante o risco da generosidade (LÓPEZ QUINTÁS, 2010, p. 195).

O encontro torna possível a desfragmentação e a descompartimentação da visão de mundo e da existência. O encontro viabiliza a integração pessoal e comunitária, sendo fundamental no processo da formação humana. Para que o encontro seja edificante, é necessário prescindir da coisificação do outro, que acarreta na possibilidade de manipulação e dominação, processo este que desconstrói e desumaniza (ROSSI; LIMA, 2022, p. 22). O verdadeiro encontro conduz à colaboração, à interação e ao diálogo. Sem isso, não há encontro genuíno, há apenas prepotência e autossuficiência. Para haver encontro, é preciso diálogo. Contudo, afirma Paulo Freire:

Como posso dialogar, se alieno a ignorância, isto é, se a vejo sempre no outro, nunca em mim? Como posso dialogar, se me admito como um homem diferente, virtuoso por herança, diante dos outros, meros “isto”, em quem não reconheço outros eus? Como posso dialogar, se me sinto participante de um gueto de homens puros, donos da verdade e do saber, para quem todos os que estão fora são “essa gente”? Como posso dialogar, se parto de que a pronúncia do mundo é tarefa de homens seletos e que a presença das massas na história é sinal de sua deterioração que devo evitar? Como posso dialogar, se me fecho à contribuição dos outros, que jamais reconheço, e até me sinto ofendido com ela? (FREIRE, 1988, p. 80).

Pelo diálogo é possível superar o solipsismo e reconhecer as alteridades, pois “todo diálogo, enquanto reconhecimento do outro como interlocutor, tem como condição fundamental a abertura à alteridade, sem a qual, há apenas monólogo ou imposição de ideias” (GOMES; ZEFERINO, 2022, p. 32-33). O diálogo é fundamental para o fomento de uma *pedagogia do encontro* que desenvolve a capacidade de relação e integração, e aprofunda um senso de comunidade, permitindo ao ser humano sair de si, de seu isolamento, para empreender gestos e atitudes críticas e emancipatórias.

A dinâmica do encontro trinitário revela que o sair de si gera vida no outro e torna a ambiência existencial propícia para o transbordar de novas possibilidades. Sendo assim, toda divisão é reificante e opressiva, tolhe perspectivas e restringe horizontes. O encontro é criativo e comunicativo; na dinâmica histórico-salvífica, o verdadeiro encontro é instrutivo e libertador, e faz arder o coração enquanto se trilha o caminho do aprendizado (Lc 24,13-35). Deus revela-se a si mesmo e se autocomunica como graça salvífica através do encontro.

Não favorece o processo educativo para uma cultura do encontro um estilo de educação “bancária”, no sentido tradicional (FREIRE, 1988, p. 60), na qual não se fomenta o encontro dialógico e a criatividade, mas apenas a reprodução, que acaba por reificar o próprio humano, reduzindo-o a uma parte de um sistema fetichista e idolátrico, transformando sujeitos em indivíduos reduzidos à segmentação de uma superestrutura que descaracteriza, massifica e desumaniza. Este método educativo antidialógico e massificador é amplamente utilizado pela globalização de conquista, que domina e mercantiliza transnacionalmente (DOWBOR, 2017).

Não é sem motivo que *a cultura do encontro se configura como uma contracultura.* Na história de grandes impérios antigos percebe-se que estes tinham seus métodos de dominação de populações inteiras. O método romano de dominação consistia em *dividir para governar*. Hoje não é diferente. Moltmann percebe na lógica de mercado atual uma espécie de dominação imperialista: para manipular outras pessoas, basta isolá-las umas das outras, ou seja, individualizá-las (1999, p. 156). O mundo moderno, com seus métodos de compartimentação do conhecimento e da técnica, reproduz esse mecanismo de dominação. O mercado atomiza sujeitos e fabrica “necessidades” cada vez mais solipsistas e anticomunitárias.

Percebe-se, de modo geral, que há uma uniformização cultural pelos centros de dominação, no movimento oposto à inculturação que respeita diversidades. Esse processo engendra dinâmicas

desenraizadoras e descomunitarizadoras, hiperconectando os indivíduos a uma rede de interesses despreocupada de suas aspirações mais profundas, reproduzindo uma *superficialização* cada vez mais intensa (GOMES; ZEFERINO, 2022, p. 29-30). Uma educação autêntica diz respeito ao desenvolvimento da pessoa humana em sua totalidade, considerando todas as suas dimensões. Na maioria das vezes, esquece-se da vocação fundamental da pessoa humana: o amor e a verdade (GOMES; FERREIRA, 2022, p. 113).

É preciso pensar *o desenvolvimento integral da pessoa humana através de um processo educativo* que a considere “em sua globalidade complexa e em sua identidade profunda, e isso só será possível através de uma abordagem transdisciplinar, que supere os limites ideológicos e paradigmáticos da segmentação e compartimentação” (GOMES, 2019, p. 58). Educar para uma cultura do encontro ajuda a ampliar a visão das dimensões essenciais do ser humano, abrindo caminho para um desenvolvimento humano autêntico e integral que considere a pessoa em sua totalidade, tendo em vista todas as suas dimensões, a fim de promover todos os homens e o homem todo (PP 14). Por este viés, será possível edificar uma sociedade mais inclusiva, onde todos tenham espaço para crescer, se desenvolver e construir sonhos pessoais e coletivos.

EDUCATING FOR THE CULTURE OF ENCOUNTER: A THEOLOGICAL-PASTORAL PERSPECTIVE

Abstract: this research aims to reflect, from a theological-pastoral perspective, on some relevant aspects intertwined in the educational itinerary with regard to the need to cultivate a culture of encounter. Theologizing starts from the encounter with the God who reveals himself, and pastoral action cultivates the human-divine encounter in view of community life. The center and target of all theological and pastoral activity is always human beings in their entirety, with their dreams and expectations. One of the great theological-pastoral challenges is to make each person encounter himself, others and God, in order to develop as a being of relationships, with a profound sense of otherness and solidarity. In view of this, this study will work on some theological-pastoral aspects of educational work, to then address the educational dynamics as an integrating and humanizing activity, to finally launch indications of how to educate for the culture of encounter.

Keywords: Culture of encounter. Comprehensive education. Theological-pastoral perspective.

Referências

- BERGOGLIO, J. M. *Educar para uma esperança ativa*. São Paulo: Paulinas, 2015.
- BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.
- BRAKEMEIER, G. *Ciência ou religião: quem vai conduzir a história? A urgência de um novo pacto*. São Leopoldo: Sinodal, 2006.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Declaração Gravissimum Educationis (GE): sobre a educação cristã. In: COSTA, L. (org.). *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)*. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2007. p. 321-338.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Pastoral da Educação: estudo para diretrizes nacionais*. Brasília: CNBB, 2016.
- DOWBOR, L. *A era do capital improdutivo: por que oito famílias têm mais riqueza do que a metade da população do mundo?* São Paulo: Autonomia Literária, 2017.

- FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Laudato Si'* (LS): sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus; Loyola, 2015.
- FRANCISCO, Papa. *Discurso aos participantes na plenária da Congregação para a Educação Católica*: para as instituições de estudo. Roma, 9 de fevereiro de 2017. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/february/documents/papa-francesco_20170209_plenaria-educazione-cattolica.html. Acesso em: 17 jan. 2023.
- FRANCISCO, Papa. *Discurso do Papa Francisco aos Membros da Fundação Gravissimum Educationis*. Sala do Consistório, Roma, 25 de junho de 2018. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/june/documents/papa-francesco_20180625_gravissimum-educationis.html. Acesso em: 17 jan. 2023.
- FRANCISCO, Papa. *Discurso do Papa Francisco por ocasião do IV Congresso Mundial de "Scholas Occurrentes"*. Sala do Sínodo, Roma, 5 de fevereiro de 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/february/documents/papa-francesco_20150205_scholas-occurrentes.html. Acesso em: 17 jan. 2023.
- FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium* (EG): sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.
- FRANCISCO, Papa. *Global compact on education*. Together to look beyond. Mensagem em vídeo do Papa Francisco por ocasião do encontro promovido pela Congregação para a Educação Católica. Pontifícia Universidade Lateranense, Roma, 15 de outubro de 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2020/documents/papa-francesco_20201015_videomessaggio-global-compact.html. Acesso em: 17 jan. 2023.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1988.
- GOMES, T. F. Pensar ciência, religião e educação. In: BRUSTOLIN, L.; ANDRADE, R. F. (orgs.). *Por uma educação cristã, humanista e solidária*. Porto Alegre: Evangraf, 2019. p. 56-70.
- GOMES, T. F. Por uma relação entre inteligência da fé e racionalidade científica no contexto atual. *Encontros Teológicos*, Florianópolis, v. 32, n. 1, p. 121-138, jan./abr. 2017.
- GOMES, T. F.; FERREIRA, A. L. C. Igreja e humanismo integral: uma reflexão a partir da Caritas in Veritate. *Revista da Cultura Teológica*, São Paulo, v. 30, n. 102, p. 111-126, maio/ago. 2022.
- GOMES, T. F.; ZEFERINO, J. *Perspectivas teóricas sobre mobilidade e religião*. REVER, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 25-45, 2022.
- KÜNG, H. *O princípio de todas as coisas: ciências naturais e religião*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- LÓPEZ QUINTÁS, A. *Cinco grandes tareas de la filosofía actual*. Madrid: Gredos, 1977.
- LÓPEZ QUINTÁS, A. *Estética de la creatividad: juego, arte, literatura*. 3. ed. Madrid: Rialp, 1998.
- LÓPEZ QUINTÁS, A. *La experiencia estética y su poder formativo*. 2. ed. Bilbao: Universidad de Deusto, 2010.
- LÓPEZ QUINTÁS, A. *Metodología de lo suprasensible: el triángulo hermenéutico*. 2. ed. Palma de Mallorca: Facultad de Filosofía y Letras, 1975.
- MOLTMANN, J. *Ciência e sabedoria: um diálogo entre ciência natural e teologia*. São Paulo: Loyola, 2007.
- MOLTMANN, J. *Ética da esperança*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- MOLTMANN, J. *God for a secular society: the public relevance of theology*. Minneapolis: Fortress press, 1999.

- PAULO VI, Papa. *Carta Encíclica Populorum Progressio* (PP): sobre o desenvolvimento dos povos. In: COSTA, L. (org.). *Documentos de Paulo VI*. São Paulo: Paulus, 1997. p. 109-153.
- PONTIFÍCIA COMISSÃO PARA A AMÉRICA LATINA (PCAL). *A emergência educativa e a tradição da fé nas novas gerações latino-americanas: recomendações pastorais*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2014.
- RAMOS GUERREIRA, J. A. *Teología Pastoral*. Madrid: BAC, 1995.
- ROSSI, L. A. S.; LIMA, A. S. Educar para o diálogo e para a liberdade. *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v. 32, n. 1 p. 19-27, 2022.
- ZILLES, U. *Crer e compreender*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.